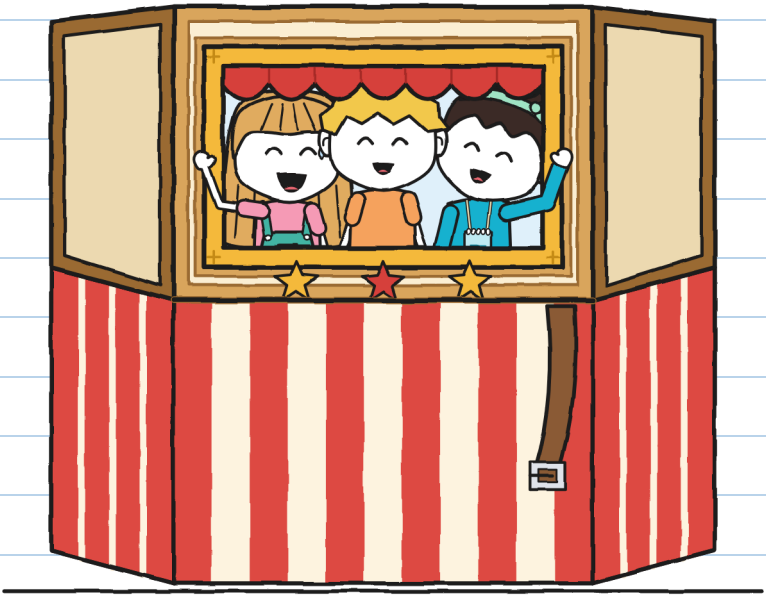
ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 6

Um lugar para três

LinguAula



(o caderno do Guto)

TAMANHO S
Nível inicial · 7+

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 6
Um lugar para três

Texto e ilustrações: LinguAula

TAMANHO S · Nível inicial · 7+

Versão em português: LinguAula

Primeira edição: 2026

© 2026 LinguAula · info@linguaula.com

Pode ser fotocopiado livremente, para a sala de aula e para casa.

Sexto livro da série. Os anteriores: "Este pacote morde", "Não abrir antes do trovão", "Devolver, por favor", "Aqui não, Migalha!" e "Um bolo para dois".

LinguAula

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

Em três. Minha alça. —J.



Compartilhado. Cabemos. —J.

Se você encontrar, devolva dobrado.

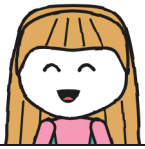
SÓ NA HISTÓRIA

Este carimbo marca o que só acontece na história. Dragões de verdade não existem. Pacotes não voltam voando. Para um transporte de verdade, veja a página 76. —J.

QUEM É QUEM



Guto. Mede em centímetros. Nesta semana conta também outra coisa.



Júlia. Sabe o caminho. Explicar é outra coisa.



Noa. Amiga da Júlia de antes. Mede em passos: sempre os traz consigo.



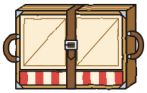
Irene. Coordena a oficina de teatro. Não diz por onde: diz "pare".



Toninho. Da RAIO e da loja. Cronometra e não opina. Quase.



Mara. Empresta o pacote. A caixa ela não solta.



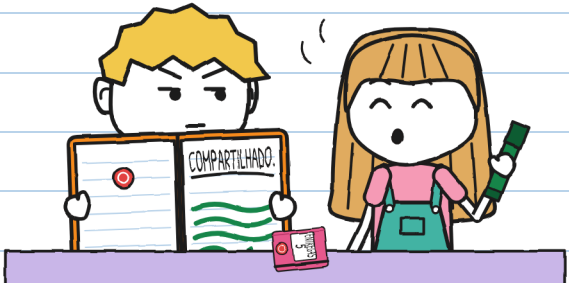
O nº 6. Um teatro que cabe numa caixa. Se ninguém segurar a correia, abre onde quer.



R. Remetente. Dessa vez deixou uma linha num inventário.

CADERNO DE ENTREGAS 6
do Guto

COMPARTILHADO.



O caderno 5 acabou com dois ponteiros num relógio. Este é laranja, como uma tangerina. Também leva o carimbo da loja.

Na primeira página escrevi uma palavra. Deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não ficou livre nem um minuto.

Eu compartilhei a primeira página com a minha letra. –J.

CAPÍTULO 1

Por que são necessários três?

Na segunda saí da escola. A Júlia me esperava no balcão com um envelope na mão. Não era verde nem azul. Era turquesa e estava fechado.

— O carteiro trouxe. Diz "À loja Entregas Impossíveis". Faz um tempo que não abro.
— Quanto tempo?
— Vinte e oito minutos — disse o Toninho da caixa dele, olhando o relógio. — Recorde do bairro.

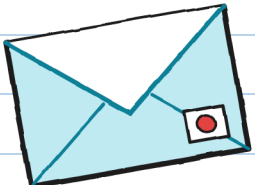


Não era meu. Os envelopes que não são meus pesam o triplo. —J.

A Mara abriu com a unha.

Sou a Irene, responsável pela oficina de teatro do centro comunitário.
Ao atualizar o inventário, encontrei uma linha:
"Teatrinho dobrável: pendente de recebimento".
Vocês estão com ele?
No sábado, dia 31, é a gincana do bairro.
Se o teatrinho chegar dobrado ao nosso pátio,
levado por uma equipe de três, eu assino lá mesmo.
Na equipe da Noa há lugar para três e, por enquanto, só ela está.

Júlia: sou eu! Agora eu faço teatro.
Traz alguém que entenda de pacotes. –Noa



"Alguém que entenda de pacotes". Esse era eu. De "pacotes" eu gostei. De "alguém", menos.

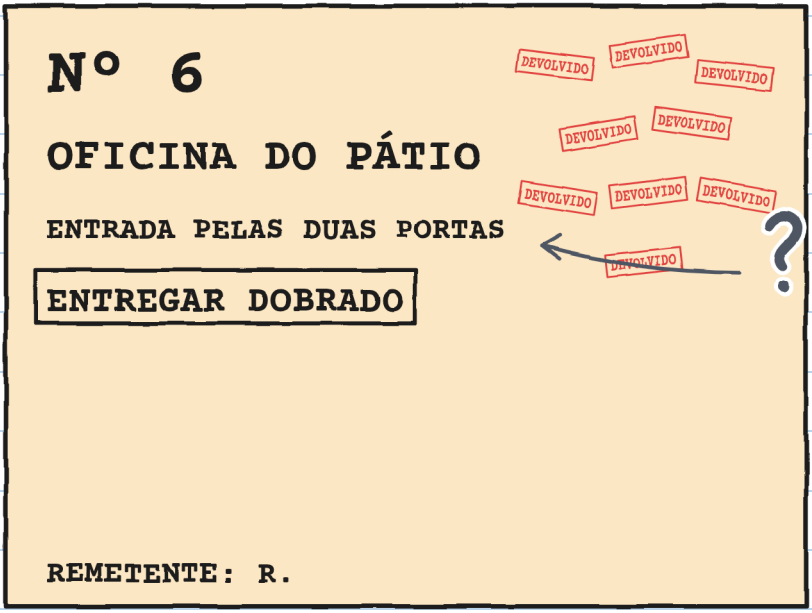
Às cinco chegaram a Irene e a Noa. A Irene trazia uma pasta, um colete com bolsos e um apito no pescoço. A Noa trazia uma caderneta pendurada e um lápis turquesa atrás da orelha.

A Júlia e a Noa se abraçaram por muito tempo. Deu para eu medir: onze segundos. Eu fiquei de lado com o caderno. Um caderno também serve para isso: para ter alguma coisa nas mãos.

— Este é o Guto — disse a Júlia. — Entende de pacotes.
— Oi, Guto que entende de pacotes — disse a Noa.
E anotou o meu nome na caderneta.



A Mara subiu no banquinho e tirou o nº 6 da prateleira, a tábua da estante. Uma caixa como todas.



— Nove carimbos — disse a Júlia.
— "As duas portas" — leu a Noa. — Que duas portas?

A Irene não sabia. A Mara, também não. Eu anotei com um ponto de interrogação.

— Levei nove vezes — disse a Mara. — Às segundas, quem abria era o grupo de costura. Às quartas, o coro. Às sextas, o xadrez. "A oficina? Aqui não é." Ninguém assinava por uma oficina.
— O teatro ensaia no pátio — disse a Irene. — Lá não tem campainha.

A Irene abriu a pasta e mostrou à Mara uma folha com carimbo.

— Agora a oficina está no registro: "Oficina de teatro. Responsável: Irene". Agora alguém assina.



— Agora que tem quem assine, por que a Mara não leva na caixa dela? — perguntou a Júlia.
— Na minha caixa eu já levei nove vezes — disse a Mara. — Agora quem põe as condições é quem recebe.
— Um teatrinho dobrável é para levar pelas praças — disse a Irene. — A minha turma tem que conseguir levá-lo pela rua. Se não conseguir, não me serve. E eu não assino o que não me serve.

— Isso eu ouvi numa padaria — disse a Mara.
Anotou as condições no caderno de entregas dela.
A etiqueta fica na caixa. A caixa, com a Mara.

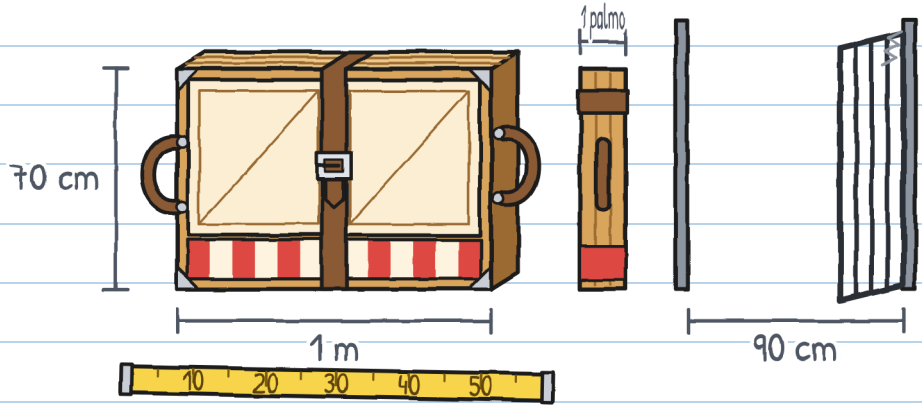


Dorme na prateleira. Continua em nove carimbos. Perguntei. —J.

Na terça fomos ao pátio do centro comunitário. Da calçada, a entrada é um portão de ferro. Ele se fecha sozinho.

A Mara pôs a caixa no chão e tirou a tampa. O teatrinho saiu e cresceu, como o suporte da Elisa. Eu já não me assusto. Pego a fita.

MEDIDAS DO Nº 6

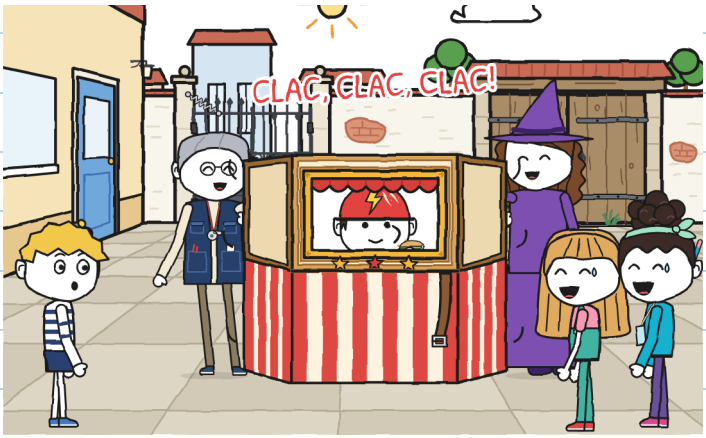


De lado, cabia pelo portão. Isso era o fácil.

A Irene quis ver se estava inteiro. Soltou a correia e girou o fardo. Os painéis se abriram sozinhos, pelo próprio peso: clac, clac, clac. Era um palco com três paredes, uma cortina curta e uma janela com moldura ao fundo.

Pela janela se via o Toninho. Passava com um sanduíche. Estava com a boca cheia e não pôde cumprimentar.

— Está inteiro — disse a Irene. — Regra da oficina: as mãos nas alças. Nunca nas dobradiças. E em cada curva, alguém segura a correia.



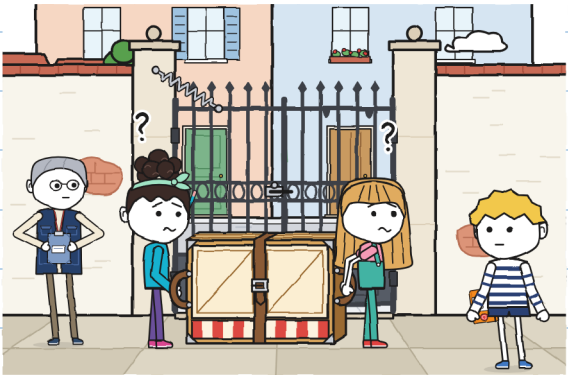
A Irene e a Mara dobraram o teatrinho e prenderam a correia.

— A gente testa — disse a Júlia. A Noa já estava na outra alça.

Contaram até três e o levantaram. Conseguiram. Cruzaram o pátio até o portão, fechado.

A Júlia olhou para ele. A Noa também. Tinham quatro mãos, todas ocupadas.

Eu estava a dois metros, com as mãos livres e um caderno.



Segurei o portão com as costas. Elas passaram. A Irene anotou alguma coisa na pasta.

Naquela tarde inventei o aparelho deste caderno.

O MEDIDOR DE TRÊS

quem faz o quê em cada trecho

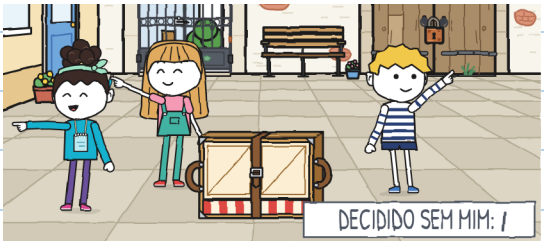
	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 
pátio, primeira tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	
pátio, segunda tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	Guto

Dois nomes repetidos e uma casinha vazia: não passa. Com as três cheias, passa.

E anotei outra coisa, menor: "Um portão também se segura com uma pedra".

Faltava entender a etiqueta.
— As portas são as duas folhas — disse a Júlia.
— Tem que abrir as duas — disse a Noa.
— Antes a gente pode medir o muro — eu disse.
Apontamos os três: a Júlia, o portão; a Noa, a sala; eu, a rua.
— Depois — disseram as duas.

Fui sozinho. Atrás do muro achei uma coisa.
Quando voltei, elas riam de algo de quando eu não estava. Abri a boca.
— Já está decidido, Guto — disse a Júlia. — São as duas folhas.
Fechei a boca. E o caderno.



Esse risquinho eu vi dois dias depois.
Era meu. —J.

CAPÍTULO 2

Quem conhece o caminho?

Na quarta era o primeiro trajeto: da loja ao pátio, pela rua. Quando cheguei, o medidor já estava completo. De verde.

— Você e a Noa carregam — disse a Júlia. — Eu oriento: eu sei o caminho. E como vou na frente, abro passagem.
— A gente pensou no caminho — disse a Noa.

De verde não apaga. Segundo risquinho.

O MEDIDOR DE TRÊS

	CARREGAR	ORIENTAR	ABRIR PASSAGEM
pátio, primeira tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	
pátio, segunda tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	Guto
loja → pátio	Guto e Noa	Júlia	Júlia

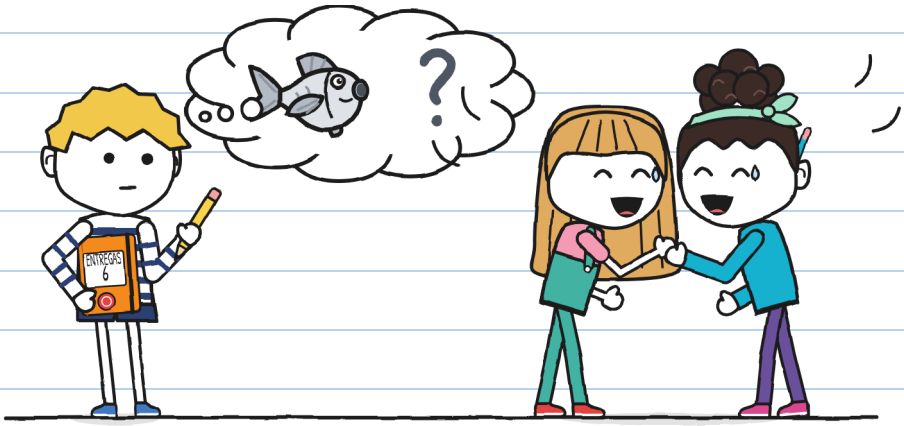
DECIDIDO SEM MIM: II

— Antes de sair, a gente faz uma planta? — eu disse. — Com as curvas numeradas.
— Não precisa de planta — disse a Júlia. — É tudo reto até o peixe manco.

A Noa começou a rir. A Júlia, também.

— Que peixe?
— O peixe manco é o peixe manco — disse a Noa.
— É uma história comprida — disse a Júlia.
— E muito boa — disse a Noa.

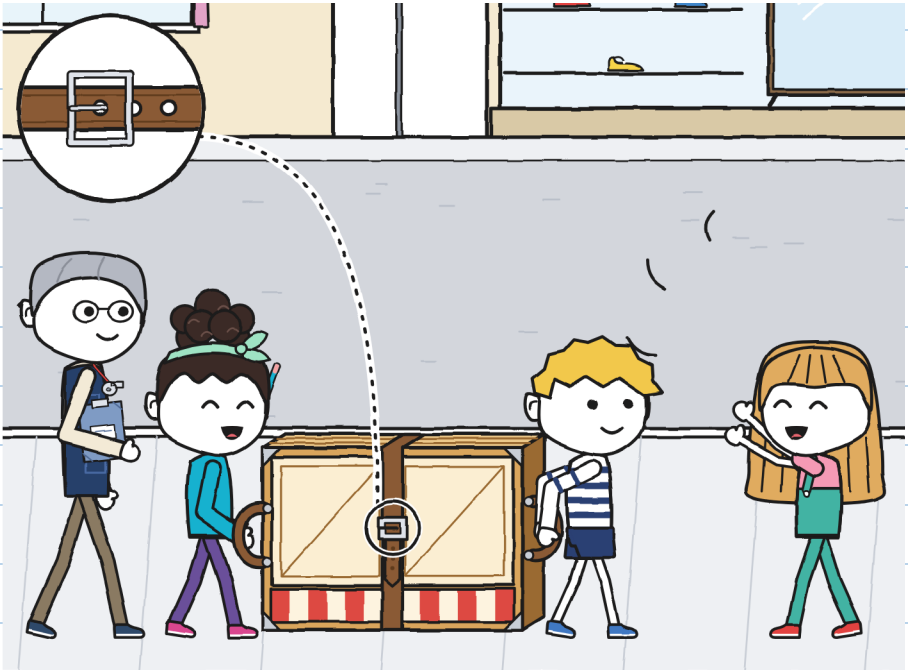
Não me contaram. Terceiro risquinho.



A Mara tirou o teatrinho da caixa na porta da loja. A Noa prendeu a correia no primeiro furo.

— Assim solta mais rápido no pátio.

Eu ia na frente e a Noa, atrás. Na frente se vê a rua. Atrás só se vê teatrinho. A Irene ia por último, com a pasta e o apito. Não dizia por onde. Dizia "pare" em cada meio-fio.

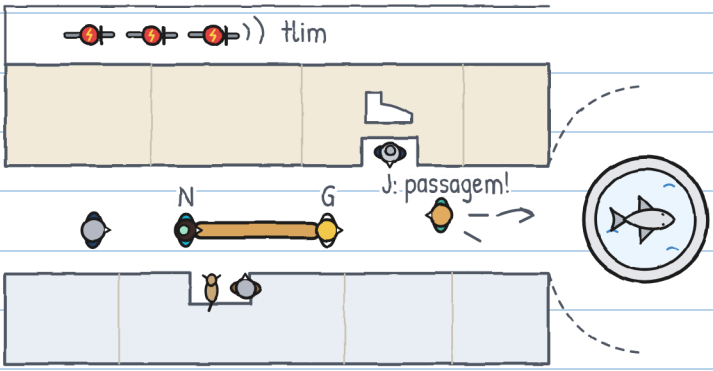


A Júlia abria passagem muito bem.

— Passagem, que lá vai um teatro!

A dona da sapataria saiu à porta para olhar. Um senhor com um cachorro esperou num portão. Longe, do outro lado do bairro, tocou um sininho. Tlim.

— A RAIO ensaia a prova dela — disse a Noa. — Eles vão de bicicleta, com um envelope. Nós, a pé, com isto.
— Com isto não se corre — disse a Irene.

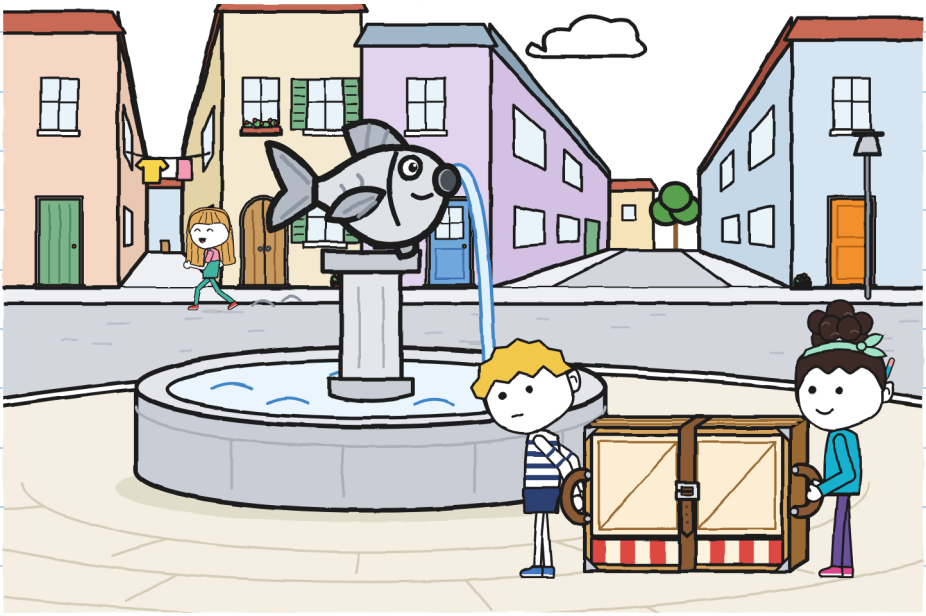


Chegamos à pracinha da fonte. A Júlia se virou e gritou a indicação. Depois correu em direção ao centro para segurar o portão.

— Até o peixe manco e virar!

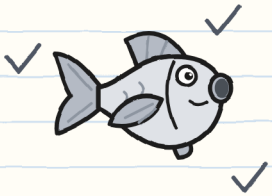
E já não estava mais ali.

No meio da fonte tem um peixe de pedra. Olhei bem. Do meu lado ele tinha todas as nadadeiras.

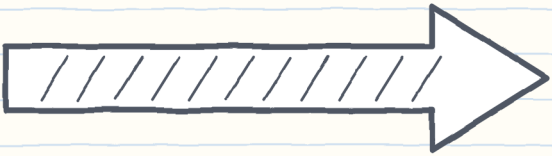


Pensei rápido. Não é o meu forte.

Peixe da fonte: nadadeiras à vista, todas.
Não é manco.
Deve haver outro peixe.



Virar: para que lado?
Esquerda, rua estreita.
Direita, rua larga.
Um teatrinho vai melhor pelo largo.



— Viro agora? — perguntei para trás.
— No peixe manco! — disse a Noa de trás do teatrinho.

Continuei procurando outro peixe. Não tinha.
Virei à direita.

Ninguém disse "curva". Ninguém segurou a correia. A fivela do primeiro furo aguenta pouco. Clac. Clac. Clac.

Os painéis se abriram devagar, um atrás do outro, em volta da Noa. A Irene tocou o apito. Depois, no meio da rua, havia um teatro. E dentro, a Noa.
— Oi — disse ela pela janela.

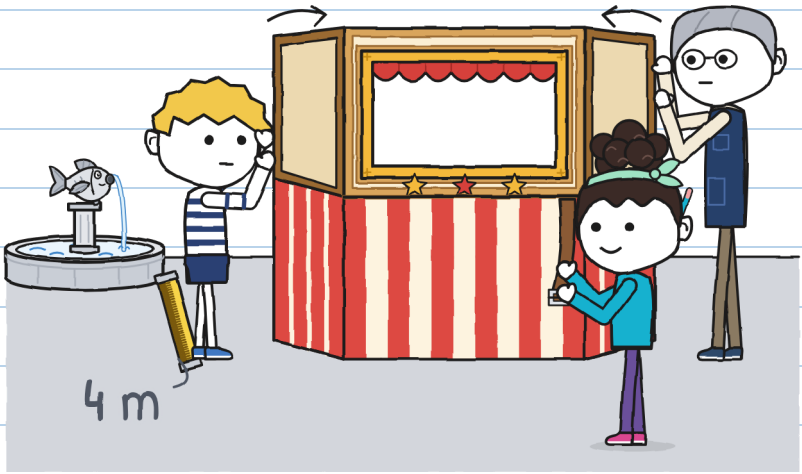


A Irene olhou as mãos da Noa. Depois, as minhas. Estavam todas inteiras. Os painéis pesam pouco e abrem devagar.

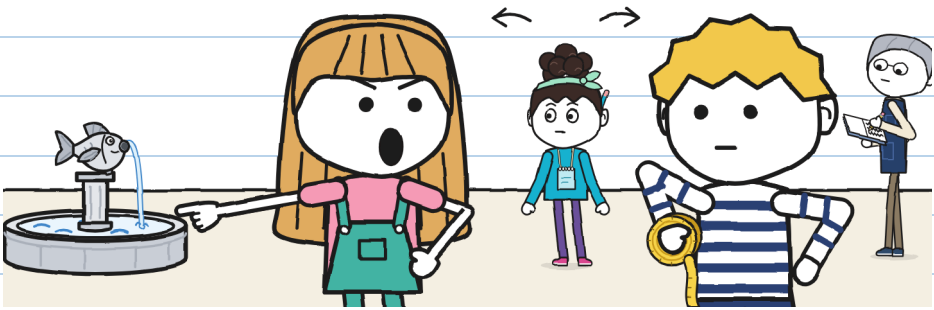
— Quem orientava? — perguntou.

Ninguém respondeu. Quem orientava era a Júlia. Estava segurando um portão, duas ruas adiante.

A Irene e eu dobramos o teatrinho com as mãos nas barras laterais de madeira. Medi: do meu pé à fonte, quatro metros.



A Júlia voltou correndo.
— Mas era no peixe manco!
— Que peixe manco?
— Esse! À esquerda. Como sempre.
— "Sempre" é de quando eu não estava.
A Júlia se virou para a Irene.
— É que o Guto se perdeu.
Eu não estava perdido. Sabia onde estava: a quatro metros da fonte. Tinha acabado de medir.
Isso também decidiram sem mim.
Quarto risquinho.



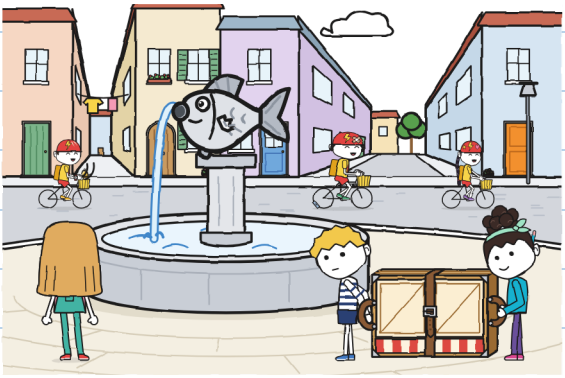
Eu disse em voz alta e na frente de todo mundo. Eu sei. –J.

Me mostraram o outro lado do peixe. Falta a nadadeira da esquerda. Só se nota sabendo que ela falta.

Repetimos a curva. Da primeira vez eu disse "curva" cedo. Da segunda, tarde. A terceira saiu, mas ninguém falava.

Então a RAIO passou pela rua: Zoe, Bruno e Toninho, em fila, mãos no guidão. Tlim na esquina. Deram a volta na fonte sem frear e sem se tocar.

— Estação um, de primeira — disse o Toninho passando.



Chegamos ao pátio quase de noite. A Mara guardou o teatrinho na caixa e a levou para a loja.

Anotei o de hoje no medidor. As três casinhas tinham nome. E abriu-se um teatro na rua. Faltava alguma coisa no medidor. Não soube o quê.

O MEDIDOR DE TRÊS

	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 	
loja → pátio	Guto e Noa	Júlia	Júlia	
loja → fonte	Guto e Noa	Júlia	Júlia	abriu · repetido 3 vezes

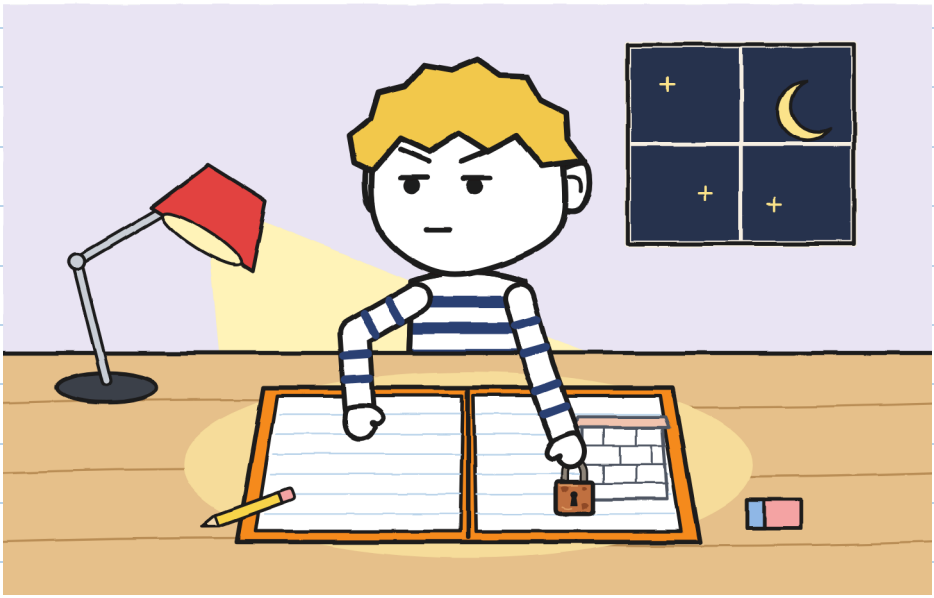
?

O meu nome aparece duas vezes nessa linha. E eu não estava em nenhuma das duas. —J.

Em casa desenhei, na última página, o que eu encontrei na terça atrás do muro. Tapei com a mão, mesmo estando sozinho.

Pensei: "Amanhã falham de novo. Aí eu mostro".

Pareceu um bom plano. Tinha até hora.



Essa página eu li na quinta. Não gostei. A minha da quarta, também não. –J.

CAPÍTULO 3

A planta do Guto serve?

Naquela noite fiz a planta inteira. O pátio visto de cima, o muro medido, o portão, a fonte, os três trechos. E, atrás, a coisa da terça.

Ficou uma planta muito boa. Dobrei em quatro e guardei dentro do caderno.



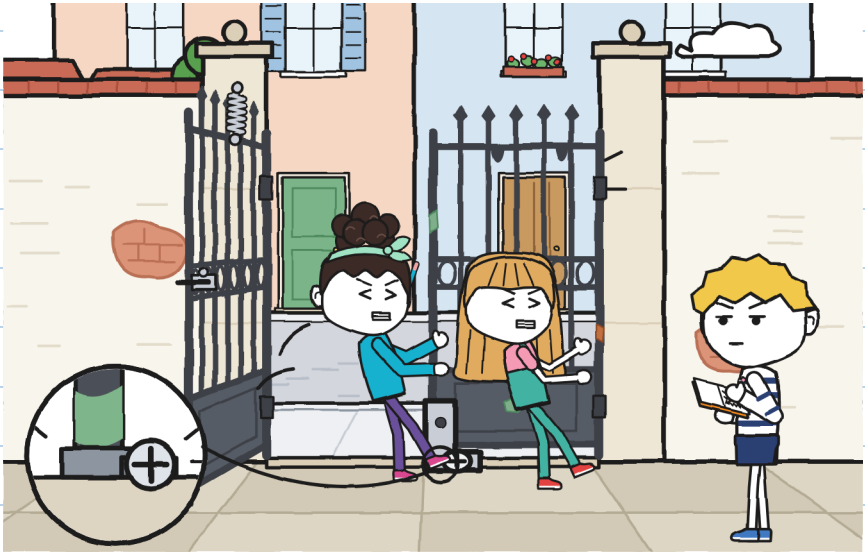
Na quinta, na loja, a Noa contava passos.
— Da porta ao meio-fio, seis passos. Do meio-fio ao poste, onze.
— Isso se mede com fita — eu disse.
— Eu meço em passos. Eu sempre os trago comigo.

Medi um passo da Noa: cinquenta e oito centímetros. Ela anotou na caderneta. Eu, no caderno. A Júlia nos olhava. Éramos dois relógios com a mesma hora.
Pensei que a Noa ia ser outra Júlia. Não é. A Noa conta.



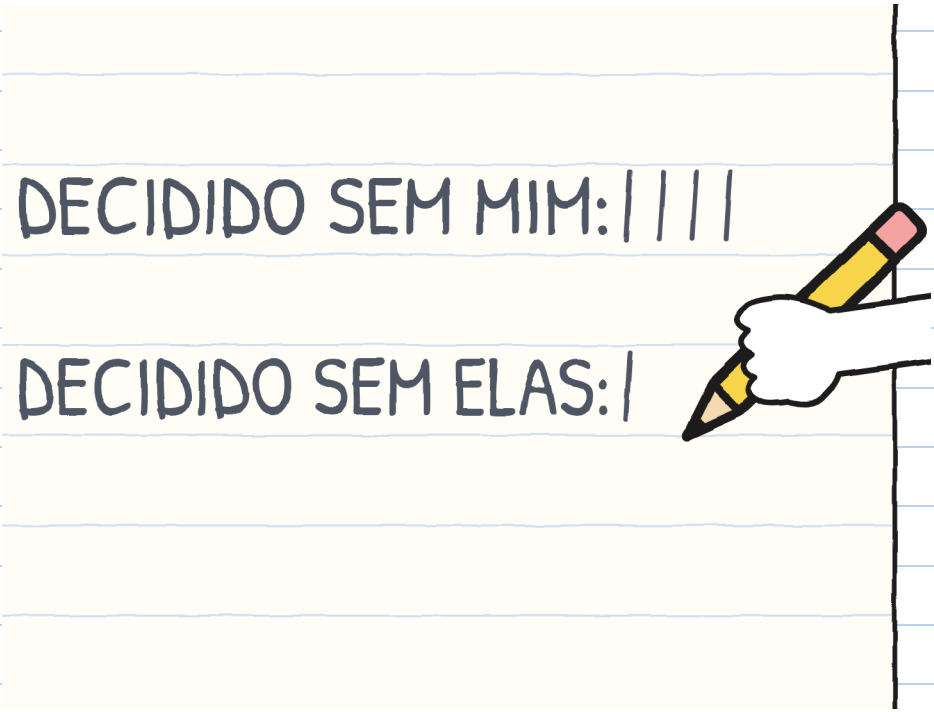
Fomos ao pátio com a Irene. A Júlia e a Noa queriam testar a ideia delas: abrir as duas folhas do portão.
A primeira folha abre e fecha sozinha. A segunda não abriu. Está grudada de tinta e presa ao chão por um parafuso.

— Então a etiqueta está errada — disse a Júlia.
— Com certeza — disse a Noa.
Decidiram em dois segundos. Peguei o lápis para o risquinho. Era o quinto.



Não fiz.

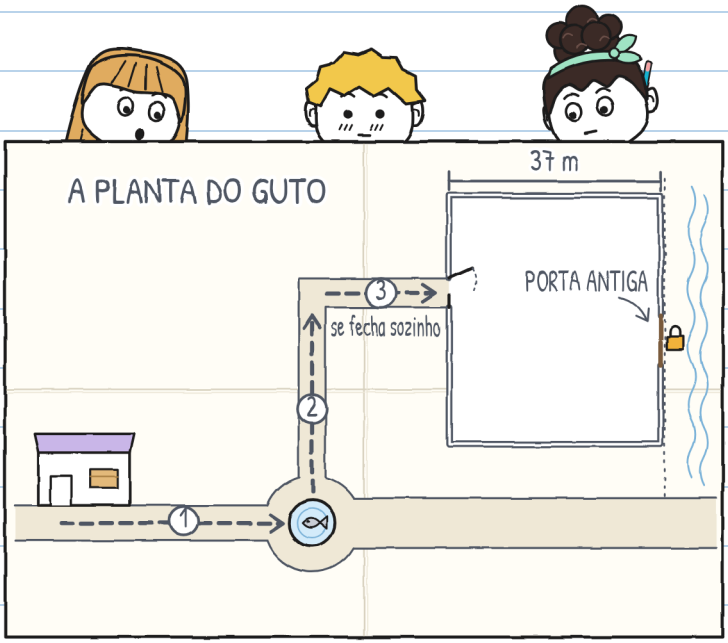
Olhei a fileira de risquinhos. Faltava um, o meu. Na terça, atrás do muro, decidi uma coisa sem perguntar a ninguém. Decidi me calar.



— A etiqueta não está errada — eu disse. Falei mais alto do que eu queria. — O pátio tem outra porta. Fica atrás, no beco do canal. É velha e tem um cadeado. Eu achei na terça.

Tirei a planta e desdobrei em cima do teatrinho.

— Na terça? — disse a Júlia.
— Na terça. Eu guardei para ter razão depois.



Ninguém disse nada por um tempo. Eu medi: foi longo.

— Tá bom — disse a Noa. E copiou a porta no mapa dela.

A Júlia não disse "tá bom". Mexia um pé.

— Ontem a gente precisava muito disso.

— Pois é.

No pátio não tem onde se esconder. Eu não procurei. Fiquei com a planta aberta.



Eu não disse "tá bom" porque ainda não era verdade. —J.

Fomos ver a porta com a Irene. A Noa contou o muro: sessenta e quatro passos. Eu medi antes: trinta e sete metros. Dava a mesma coisa.

A porta antiga é de madeira, de duas folhas, larga como a cama de um gigante. O cadeado tem mais ferrugem do que cadeado.

— Faz anos que está fechada — disse a Irene. — Eu sempre a vi assim.



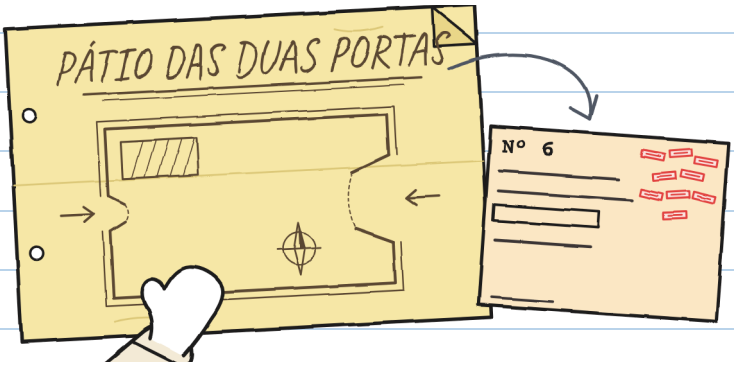
A Irene procurou no registro do centro. Achou uma folha amarela.

— Aqui está. Quando se usava esta porta, entrava-se por dois lugares: o portão ou aqui. Chamavam o pátio de "o das duas portas". E de todos os grupos, só o teatro ensaia no pátio.

— Então a etiqueta não é um enigma — disse a Noa.

— É um endereço — eu disse.

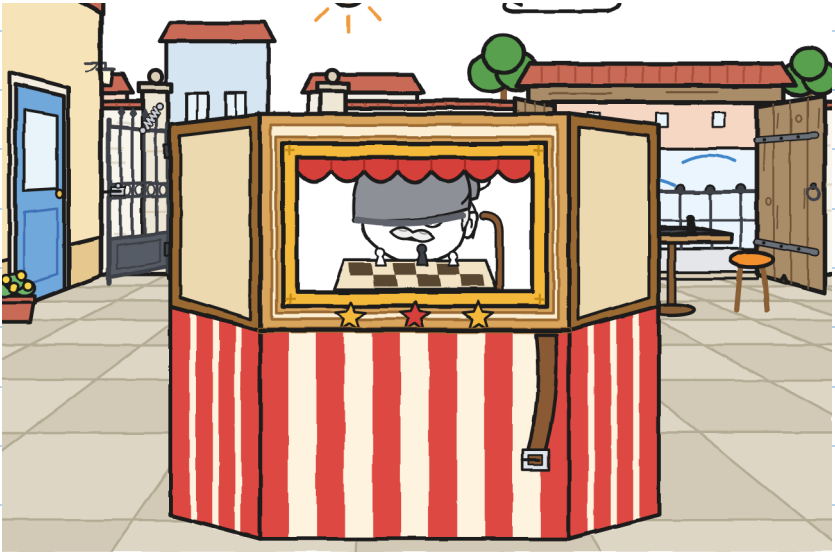
"Oficina do pátio. Entrada pelas duas portas." Estava bem escrita. Só era velha.



A Mara disse depois que viu aquele cadeado nove vezes. Achou que uma porta fechada não contava. —J.

A chave estava na pasta, num envelope: "Porta antiga. Não perder". A Irene abriu o cadeado. A porta fez um barulho de barco.

No pátio, o pessoal do xadrez estava com as mesas no sol. A Irene abriu o teatrinho no meio. Queria ver quanto espaço deixava entre as duas portas. Deixava de sobra.
Pela janela do teatrinho se via Don Antonio, com a boina sobre os olhos. Estava pensando numa jogada. Roncava um pouco.



— No sábado eu abro as duas — disse a Irene. — As bicicletas entram pela antiga, pelo beco. Quem carrega a pé, pelo portão. Assim não se cruzam.
— Mas a antiga é mais larga — disse a Júlia. — E não se fecha sozinha.
— O portão é o de vocês. Se a oficina levar o teatrinho a uma praça, tem portas piores.
A Júlia abriu a boca. Olhou para a Noa. Olhou para mim.
— E você, o que diz?
Era a primeira vez em toda a semana. Anotei com a data.



Eu disse que o portão, mas com ensaio. A Noa, o mesmo. A Júlia disse que tá bom. Dessa vez era verdade pela metade.

Depois consertamos o medidor. As três casinhas não serviam para o da quarta nem para o meu.

O MEDIDOR DE TRÊS (COM QUATRO)

	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 	AVISAR 
pátio, segunda tentativa	Júlia e Noa	Júlia e Noa	Guto	Guto, não
loja → fonte	Guto e Noa	Júlia	Júlia	*ninguém*

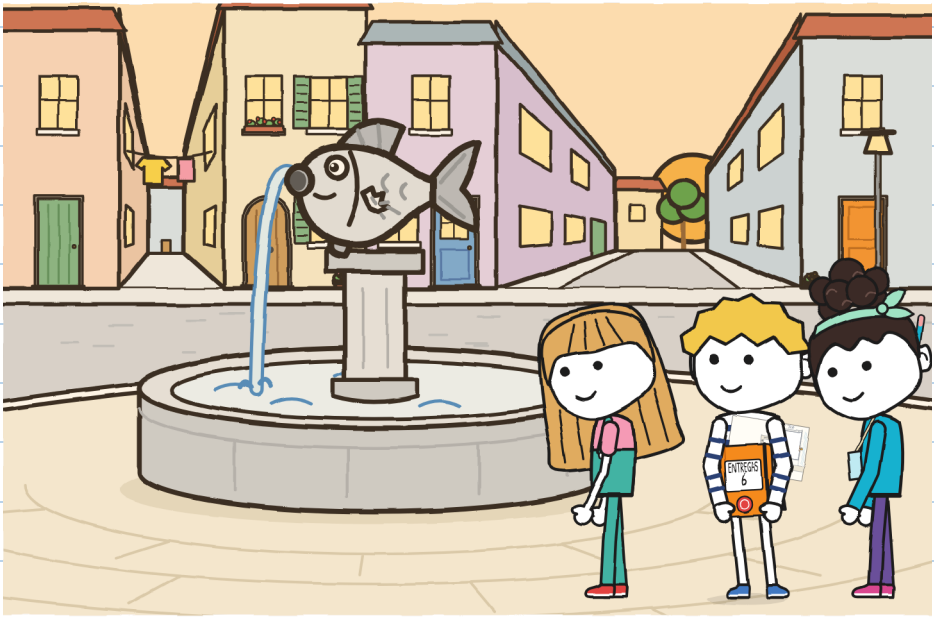

AVISAR: dizer o que se sabe

O medidor de três tem quatro casinhas. Não estou reclamando. A quarta é a que mais me custa. –J.

Voltamos pela fonte. Parei na frente do peixe, pelo lado manco.

— Vocês me contam a história?
— É comprida — disse a Júlia.
— No sábado — disse a Noa. — Se a gente chegar.

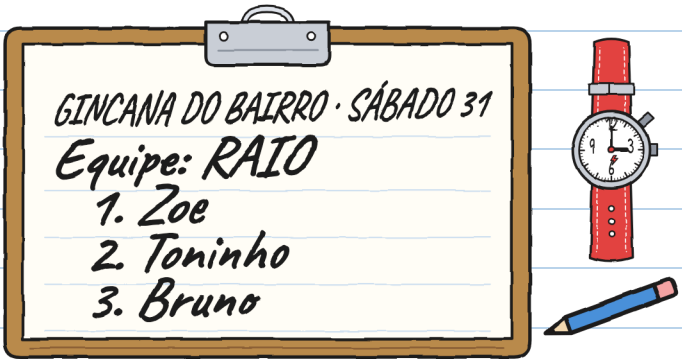
Não era um não. Guardei a planta no caderno, dessa vez sem dobrar. Metade da planta aparecia.



CAPÍTULO 4

Qualquer um pode comandar?

Na sexta o Toninho veio à loja. Trazia o relógio, um lápis e a ficha da RAIO.



— Quem escreveu foi a Zoe — disse ele. — O Bruno falou o nome dele: "Bruno, com B".

— E a Zoe?

— Escreveu Bruno. Com B.

O Toninho sentou na caixa dele e zerou o relógio.

— Hoje eu meço o tempo. Não opino. Anoto o que precisa repetir.

Ideia da Noa: turnos. Três trechos, e em cada um orienta uma pessoa diferente. Ideia minha: orienta e abre passagem quem não carrega. As outras duas só veem o teatrinho. Ideia da Júlia: começar já.

— Quem orienta o primeiro trecho?
Apontamos os três ao mesmo tempo. Cada um apontou para outro.

O Toninho anotou. A Irene esperava na porta, com a pasta. Também não opinava.



Antes de levantar o teatrinho, a Júlia disse:
— Uma coisa. Na quarta eu dei uma indicação que só a Noa entendia. E depois disse: "O Guto se perdeu".
Não disse mais. Não precisava: estava tudo ali.

— Tá bom — eu disse. Aprendi com a Noa.
— De que lado falta a nadadeira do peixe?
— perguntei.
— Do esquerdo, conforme você chega. Na fonte, curva à esquerda. Eu aviso cinco passos antes.
— Isso sim é uma indicação.



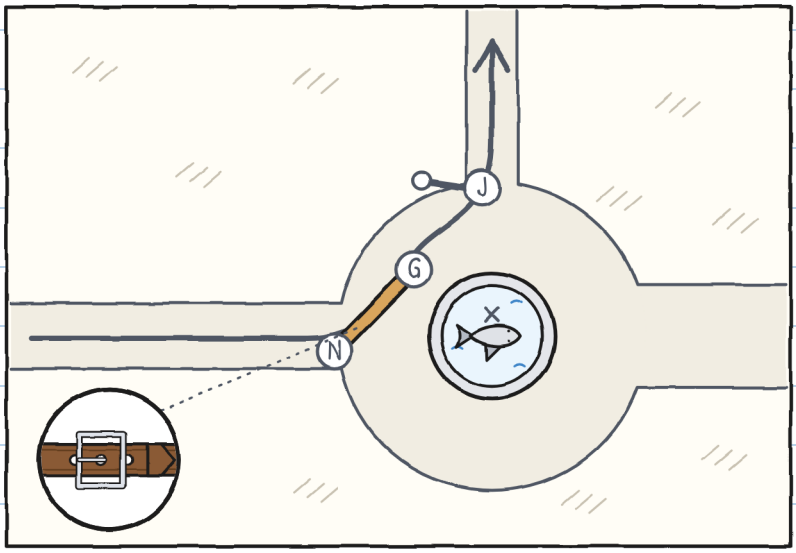
Os dois pés parados. Confira no desenho. —J.

Trecho um. A Noa prendeu a correia no segundo furo.

— Cinco passos... Curva à esquerda!
— Correia! — disse a Noa. E segurou.

Contornamos o peixe manco. Parecia que sempre fazíamos isso. Nenhum clac.

— Trecho um: seis minutos — disse o Toninho. — Repetido: nada.



Trecho dois, da fonte à esquina. Carregavam a Júlia e a Noa. Eu orientava.

Eu oriento assim:

— Três passos. Pare. Meio-fio. Sobe. Dois passos. Pare. Uma senhora. Boa tarde. Passa a senhora. Quatro passos.

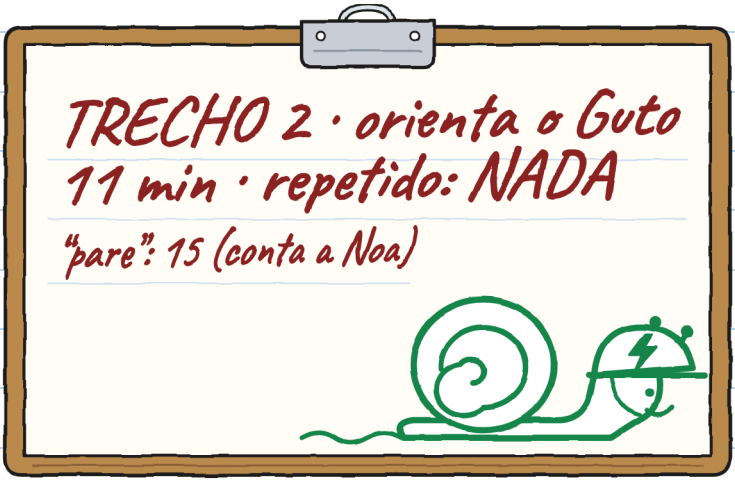
A Júlia ia na frente, com a alça dela, calada. O pé dela ia para o caminho curto. Ela o devolvia ao meu caminho.



— Trecho dois: onze minutos — disse o Toninho. — Nunca medi um mais lento. Repetido: nada.

Eu comandava alguma coisa pela primeira vez. E não precisou repetir nada.

— Você disse "pare" catorze vezes — disse a Júlia.
— Eu contei — disse a Noa. — Quinze.
— Seis sobravam — disse a Júlia. — Mas eu parei em todas.



Eu não discuti nenhuma. Os dentes doíam de tanto apertar. —J.

Trecho três, da esquina ao pátio. A Júlia e eu carregávamos. A Noa orientava, com o mapa da gincana. A Irene deu um a cada equipe.

A Noa parou aos vinte passos, onde começa o beco do canal.

— Não bate.

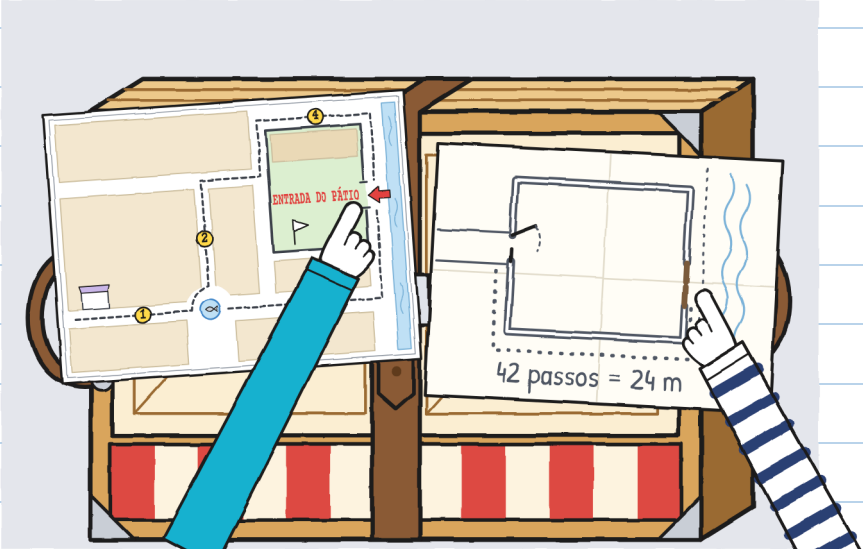
— O que não bate?

— O mapa nos manda por aqui, para a porta antiga. A gente entra pelo portão, do outro lado.



Deixamos o teatrinho no chão. Primeiro se deixa; depois se discute.
Pus a minha planta junto ao mapa dela. O mapa só tinha uma entrada pintada. Não era o portão. Era a porta antiga.
— É um mapa velho — eu disse. — É de quando se entrava por ali.

Dali até o portão eram quarenta e dois passos da Noa. Ou vinte e quatro metros meus. Com os passos dela e a minha fita medimos o bairro todo.



— A gente conta para a Irene? — perguntou a Júlia.
— E para as outras equipes — disse a Noa. — Senão, quem vai a pé entra pelo beco. Com as bicicletas.
Eu não disse nada. Estava de acordo.

A Irene corrigiu os mapas, um por um, com uma canetinha vermelha. O Toninho olhou o dele.
— A RAIO ia entrar por onde dizia o mapa.
— Vocês entram por ali — disse a Irene. — Para as bicicletas, o mapa estava certo. Por acaso.



Voltamos à esquina e repetimos o trecho três, agora até o portão. A Júlia e eu carregávamos. A Noa orientava, abria passagem e avisava. Tudo ao mesmo tempo:

— Pare! Seguro a folha! Passa!

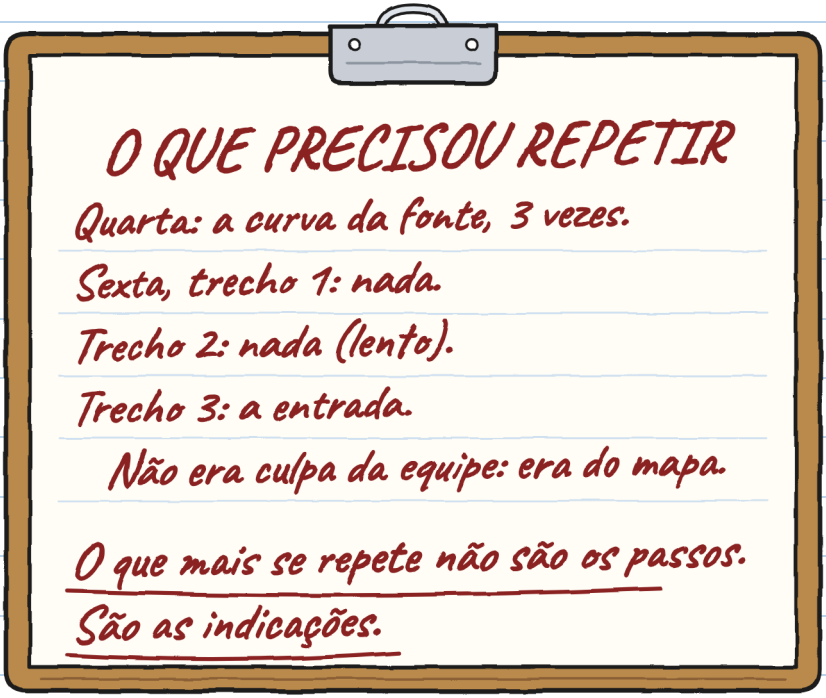
Passamos. Preenchi o medidor.

	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 	AVISAR 
esquina → pátio	Guto e Júlia	Noa	Noa	Noa: "o mapa está errado"

Era a primeira linha com todas as casinhas preenchidas. A quarta, a de avisar, quem preencheu foi a Noa.

O portão pesa. A Noa o segurou com as costas, como você na terça. Eu anoto. Você não anota. —J.

O Toninho nos mostrou a folha dele.



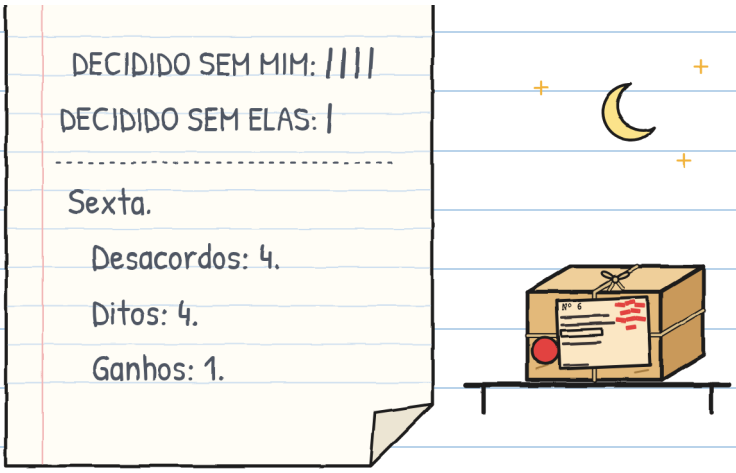
— Esse último é uma opinião — disse a Júlia.
— É um dado — disse o Toninho. — Na RAIO, uma direção mal dita custa duas vezes: na ida e na volta.

O Toninho colocou o capacete e foi ensaiar. Tlim.

À noite, na loja, a Mara guardou o teatrinho na caixa. A Noa olhou a fivela.

— Amanhã, no terceiro furo. Custa soltar, mas funciona.

Abri o caderno no canto dos risquinhos. Hoje eu não fiz nenhum. Contei quatro desacordos. Disse todos em voz alta. Ganhei um.



O que você ganhou foi o de deixar o teatrinho no chão antes de discutir. Esse eu te dou de presente. —J.

CAPÍTULO 5

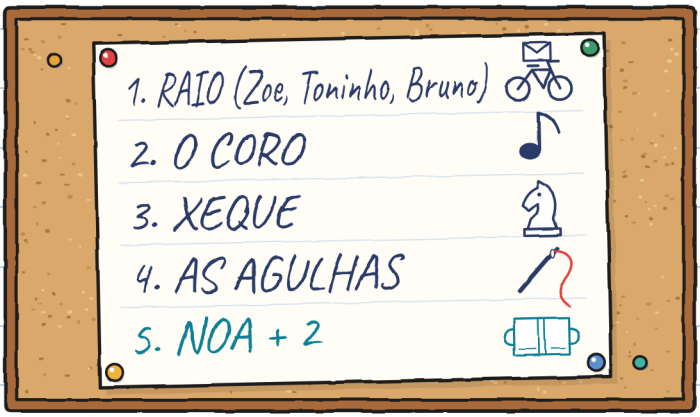
Importa chegar primeiro?

No sábado vesti a camiseta laranja dos sábados.
— Você combina com o caderno — disse a Júlia.
Às onze, o pátio estava com as duas portas abertas pela primeira vez em anos. Entrava gente pelas duas. A Irene, com o apito, disse as regras:
— Cada equipe traz a sua carga até aqui, por todas as estações. Com carga não se corre. Quem corre, repete o trecho. Quem não repete, ganha tempo.



Havia cinco equipes. A RAIO levava um envelope, de bicicleta. O coro, um atril de música. O xadrez, um tabuleiro gigante. A costura, um manequim sem cabeça.

A Noa anotou o nosso na segunda, antes de me conhecer:



— Somos "Noa + 2" — eu disse à Júlia.
— Eu sou o 2 — disse ela. — E você é o "mais".

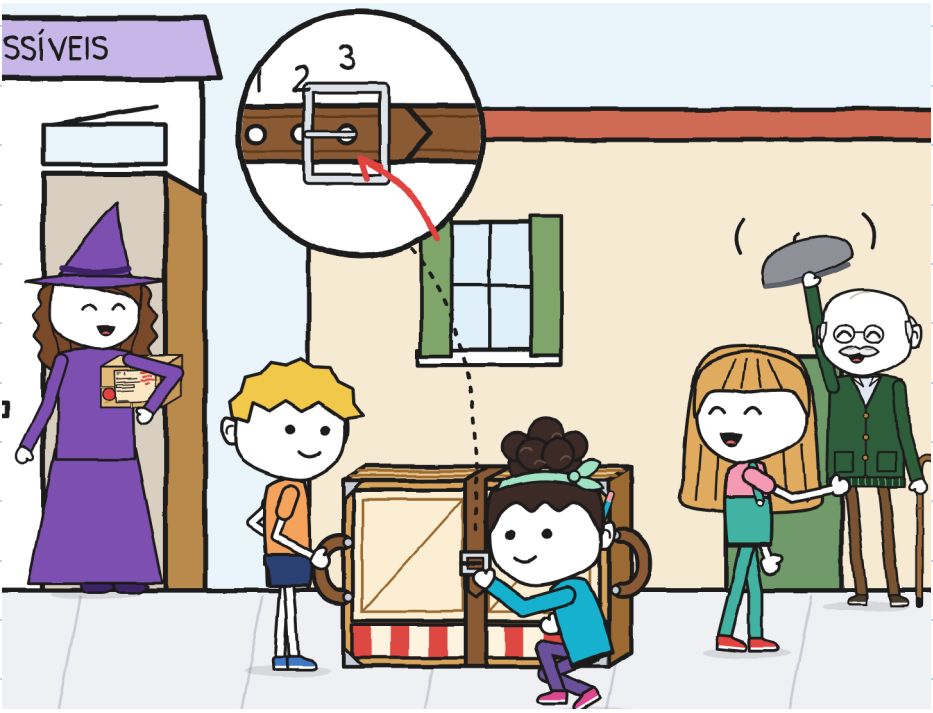
Cada equipe saía da porta onde dormia a sua carga. Don Antonio deu a largada para nós. Mora perto e não corre.

A Mara tirou o teatrinho. A Noa prendeu a correia depressa e nós o levantamos. Clac! Um painel se abriu.

— No chão — eu disse.

Ninguém discutiu. A Noa prendeu a correia de novo, devagar, no terceiro furo. Puxou duas vezes. Don Antonio baixou a boina: a bandeira de largada.

— Com calma — disse. — Assim se chega.



Trecho um. A Júlia orientava.

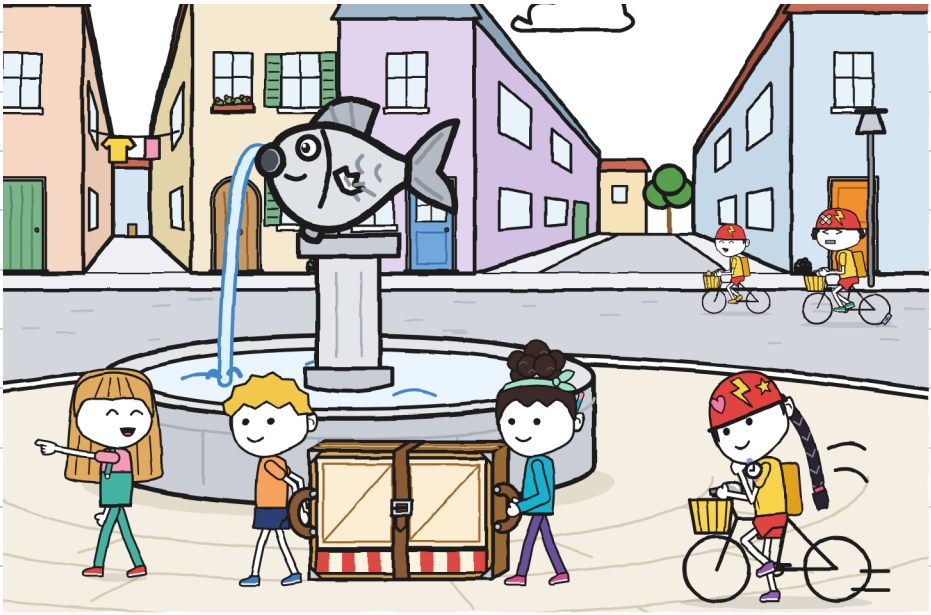
— Cinco passos... Curva à esquerda!

— Correia!

Contornávamos devagar o peixe manco e ocupávamos a esquina. A Zoe chegou de bicicleta. Ia na frente. Freou e pôs um pé no chão.

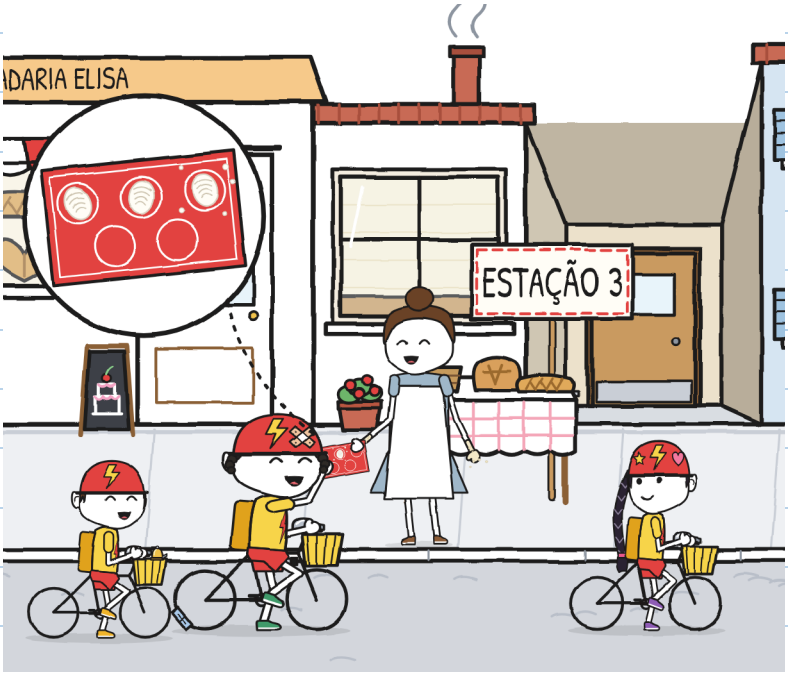
— Passem vocês. Com isso não se corre.

A Zoe esperou até sairmos da curva. Depois foi embora. Fomos na frente por vinte segundos. Ela mesma mediu.



Em cada estação carimbavam um cartão. Na padaria, a Elisa carimbava com o polegar cheio de farinha.

A RAIO passou por nós três vezes, sempre por outra rua. O Toninho ia com as duas mãos no guidão e tocava o sininho nas esquinas. O Bruno levava o envelope. A Zoe esperava em cada estação. Não tocava o cartão até os três chegarem.



No trecho dois o coro nos ultrapassou, com o atril. Eles corriam. Soou o apito da Irene e voltaram à fonte, cantando baixinho.

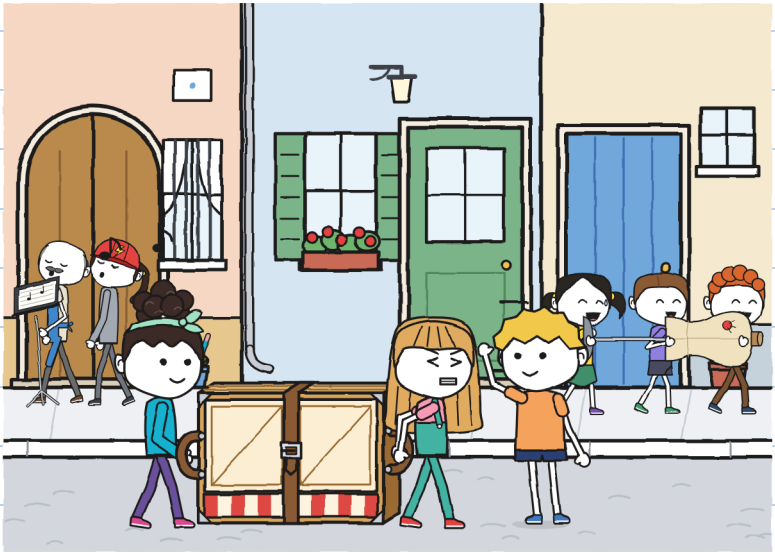
O xadrez nos ultrapassou. Nos ultrapassou até o manequim.

A Júlia não correu. Bom: um pé dela foi embora. Ela o trouxe de volta.

— Importa chegar primeiro?

— A etiqueta não diz "primeiro" — disse a Noa. — Diz "dobrado".

— Meio-fio — eu disse.



Trecho três. A Noa orientou até o portão. Ali deixamos o teatrinho no chão.

— Quem abre? — perguntou a Júlia. E esperou.

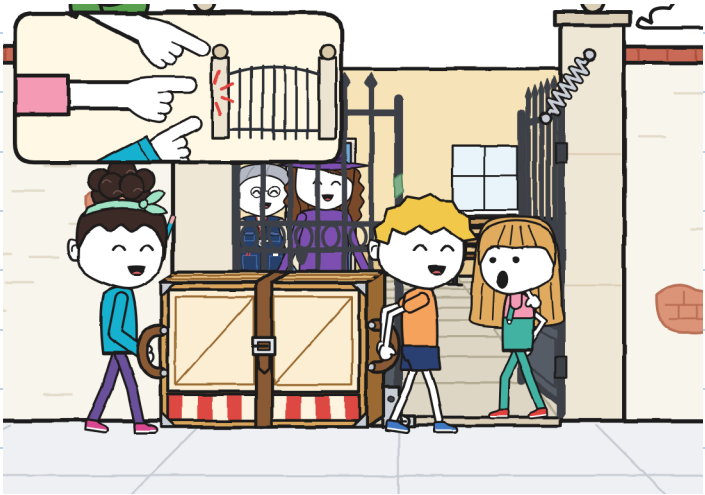
Apontamos os três ao mesmo tempo, para o mesmo lugar: a Noa, o portão; a Júlia, o portão; eu, o portão. Rimos, porque assim não se decide quem.

— Você — dissemos a Noa e eu. A Noa foi para a alça dela.

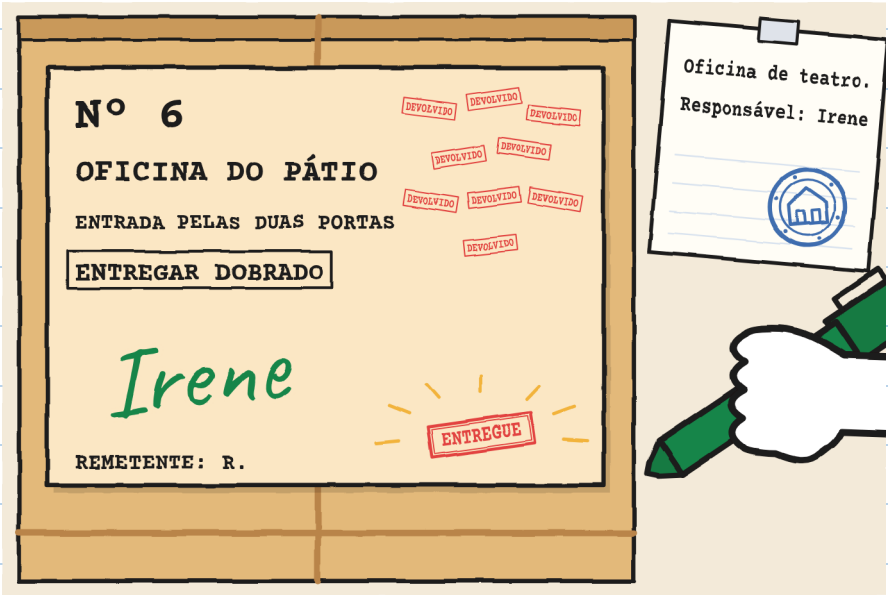
A Júlia segurou o portão com as costas e as mãos.

— Pare! Seguro a folha! Passa!

Passamos. Dobrado. Inteiro.

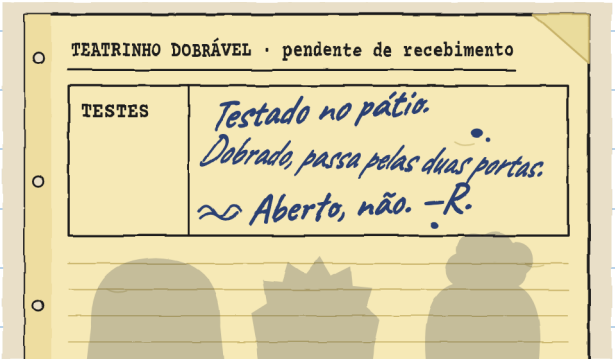


— Quarenta e um minutos — disse a Irene.
A RAIO levou catorze minutos. Os três estavam sentados junto às bicicletas, sem suar.
A Mara veio com a caixa debaixo do braço. A Irene olhou o teatrinho, dobrado no chão do pátio, com a correia no lugar. Mostrou à Mara a folha do registro. A Júlia deu à Irene a canetinha verde.
— Me serve — disse a Irene. E assinou na etiqueta.



Na etiqueta apareceu a palavra ENTREGUE.
Ninguém a escreveu.

A Irene abriu o inventário, a lista das coisas do centro. O teatrinho já tinha página, com uma linha antiga e uma letra horrível.

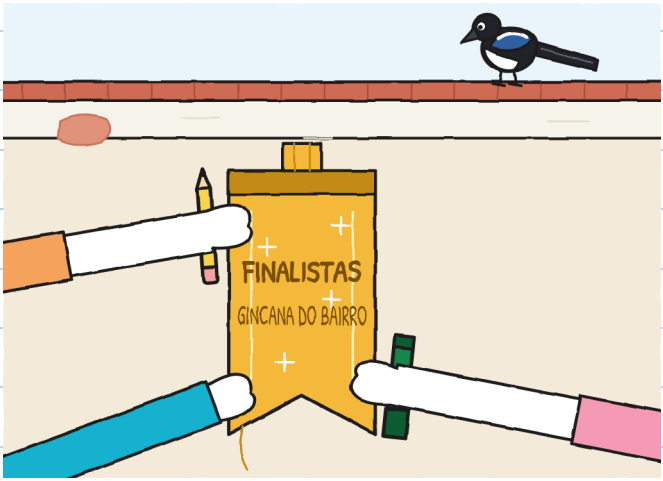


— É de antes de mim — disse a Irene. — Não sei quem é.
— Nós também não — disse a Júlia. — Mas a gente vai sabendo de coisas.
R. esteve nesse pátio. Testou o teatrinho antes de mandar. Dessa vez mediu as duas portas: o portão e a antiga.

A porta da Elisa. As duas do pátio. Mede portas. Guardo para a ficha. –J.

A RAIO ganhou, sem repetir nenhum trecho. O prêmio era um pão grande da Elisa, com um 1 de farinha. A Zoe o partiu em três. O do Bruno era igual ao da Zoe.

A Irene deu uma fita às equipes que chegaram com a carga inteira.



— Finalista é quem chega por último — disse a Júlia.
— É quem chega ao final — disse a Noa.
— Chegamos por último ao final — eu disse. — As duas valem.

— Já está aqui — disse a Irene. — Vamos usá-lo pela primeira vez.

A Mara e a Irene o abriram. Nós, atrás. Tínhamos dois minutos para inventar uma peça. A Noa distribuiu os papéis. Antes perguntou:

— Quem quer falar pouco?

Levantei a mão.

A Migalha se soltou da Vera e voou um metro. Pousou num painel, com o rabo pendurado na frente da janela. Já era uma peça, e ainda não tínhamos começado.



A peça se chamou "O pacote que não queria entrar". A Júlia era a Mara, com um chapéu de papel. A Noa era todas as portas. Eu era o pacote, na janela.

— A oficina? — dizia a Noa. — Aqui, costura.

— DEVOLVIDO — dizia eu.

Eu disse nove vezes. O público contava. Na décima, a Noa abriu os braços, e eu disse a outra palavra.

Para saudar, nos debruçamos os três.

Cabíamos. Apertados.



Não se divide em pedaços. A gente se aperta. —J.

CAPÍTULO 6

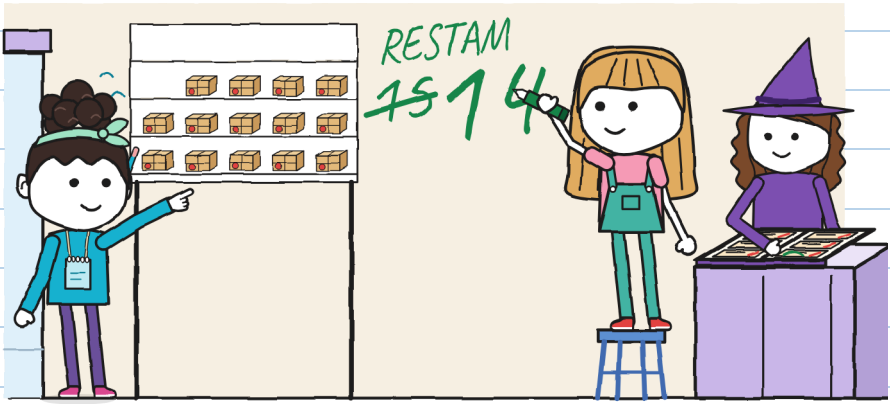
O que fica quando a prova acaba?

À tarde voltamos à loja com a etiqueta. A Noa veio também. A Júlia olhou o cartaz e depois a Mara.

— Posso?

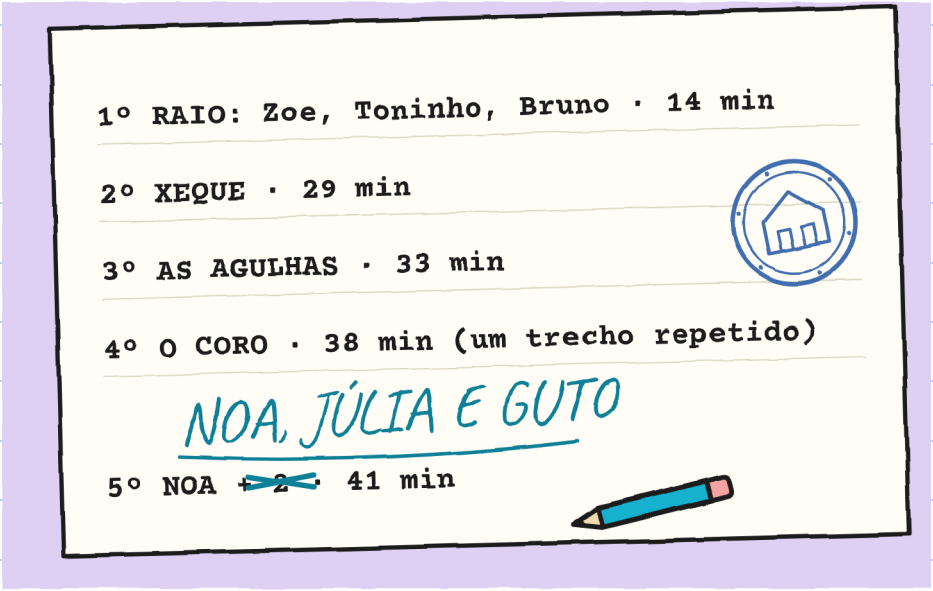
— É o seu cartaz.

A Júlia riscou o 15 e escreveu 14, grande. A Mara colou a etiqueta no livro dela, com outras cinco.



A Noa os contou baixinho. Deu catorze.
Sabe contar. —J.

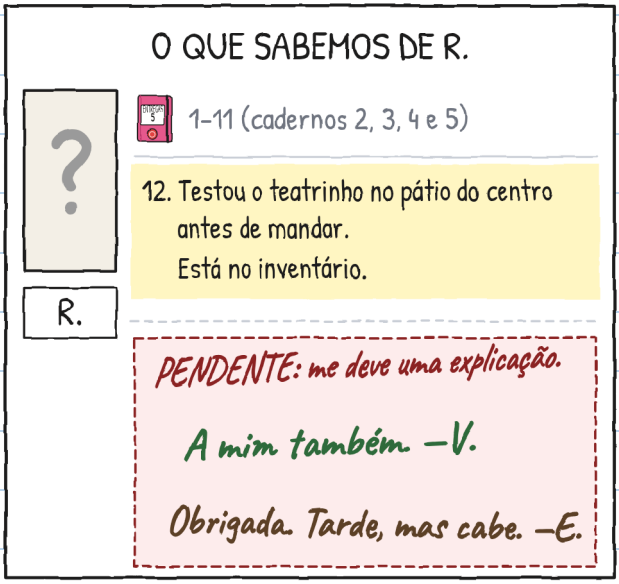
O Toninho trouxe a classificação. Eu a anotei no caderno.



Olhei duas vezes. "Bruno" estava inteiro. Sem riscar e sem nada por cima.

A Noa consertou a nossa equipe com o lápis turquesa. Ninguém pediu.
— Na segunda eu não sabia o nome de vocês — disse. — Bom. O do Guto.

Peguei a ficha de R. Tinha onze pistas.
Acrescentei uma.
O Toninho leu. Leu também a nota dele, mais embaixo. Não riscou nada.
— Testou o teatrinho — disse. — O meu sininho, não testou.
— Isso a gente não sabe — disse a Júlia.
— Do meu sininho não existe nenhuma linha em nenhum inventário — disse o Toninho. E isso também era verdade.



Depois pus a planta no balcão. Já estava sem dobrar.

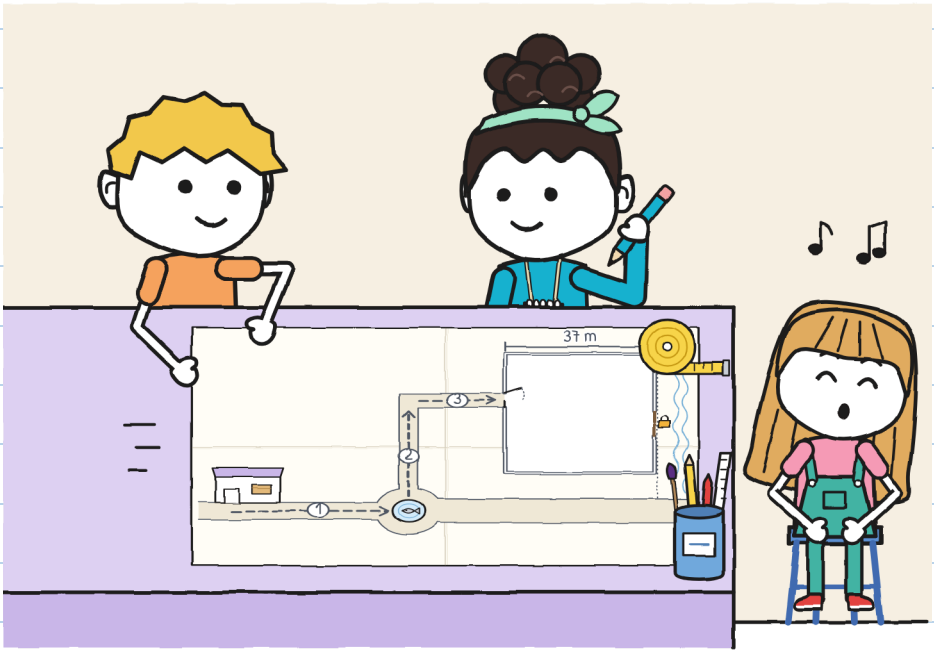
— Falta a sua parte — eu disse à Noa. — O que tem da fonte para lá. Dessas ruas eu só sei os metros.

A Noa olhou para a Júlia. A Júlia olhou para o teto: o jeito dela de não se meter.

— Posso pintar nela?

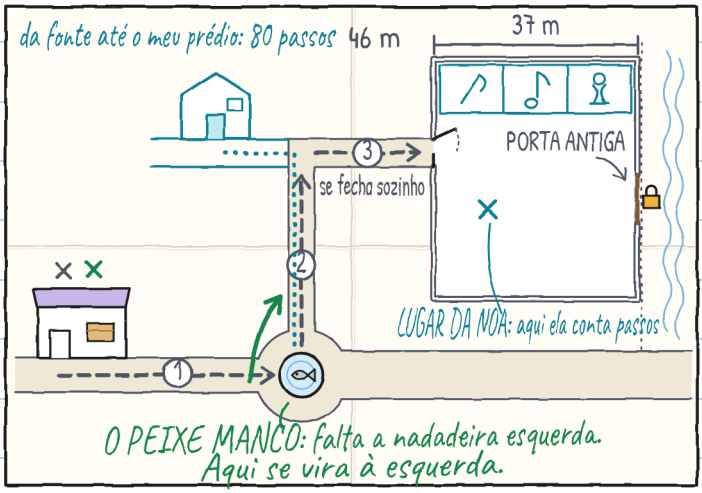
— É para isso que eu estou te mostrando.

A Noa tirou o lápis da orelha.



A Noa acrescentou a rua dela, o centro por dentro e as distâncias em passos. Eu pus os metros ao lado. A Júlia não conseguiu esperar mais e escreveu o letreiro da fonte.

A PLANTA DO BAIRRO (DOS TRÊS)



Enquanto pintavam, me contaram a história do peixe manco. É comprida. Não é tão boa quanto dizem. Mas agora eu a sei.

É ótima. Mas a gente contou mal: falávamos ao mesmo tempo. –J.

A Júlia levava a fita amarrada no pulso. Já tinha três fios soltos.

— Se eu ficar com ela, na segunda serão só fios — disse. — Guardamos no caderno?

Colamos na primeira página, embaixo de COMPARTILHADO, com um pedaço de fita adesiva em cada ponta. Eu a desenhei com os fios soltos. Se desfizer, desfez. Não vou desenhá-la mais nova do que é.



O meu caderno não fecha tão bem quanto o seu. Por isso. —J.

A Noa virou as páginas para trás, com a minha licença. Chegou ao canto dos risquinhos.

— E isto?

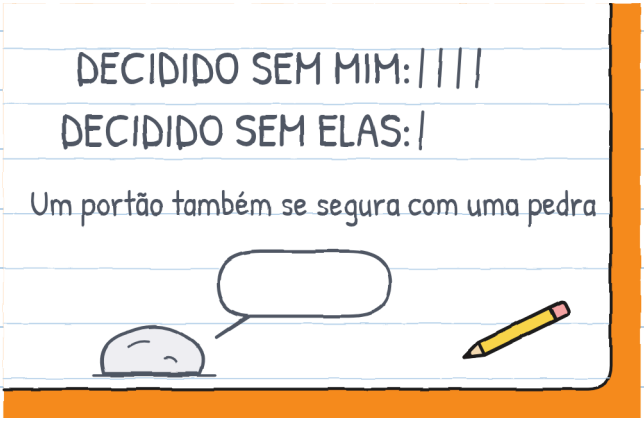
— Uma conta que eu levava mal.

— E isto aqui? — Leu em voz alta: — "Um portão também se segura com uma pedra".

— Pensei nisso na terça.

— Uma pedra não diz "meio-fio" — disse a Noa. — Nem "pare" quinze vezes.

Não apaguei os risquinhos. A lápis dá, mas não quis.



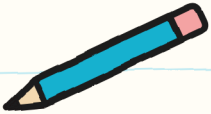
Não apague. São um pouco minhas. —J.

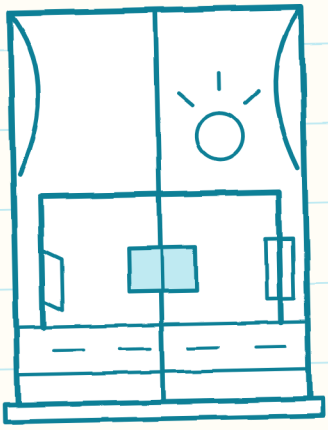
No domingo, ao amanhecer, a Noa vigiou. Ela mora em frente ao centro. Às nove trouxe um bilhete à loja. Vinha contando passos.

7:38: o teatrinho, na oficina, dobrado.

7:44: amanhece. Não se mexe.

7:50: continua. Passos que deu: zero. –Noa



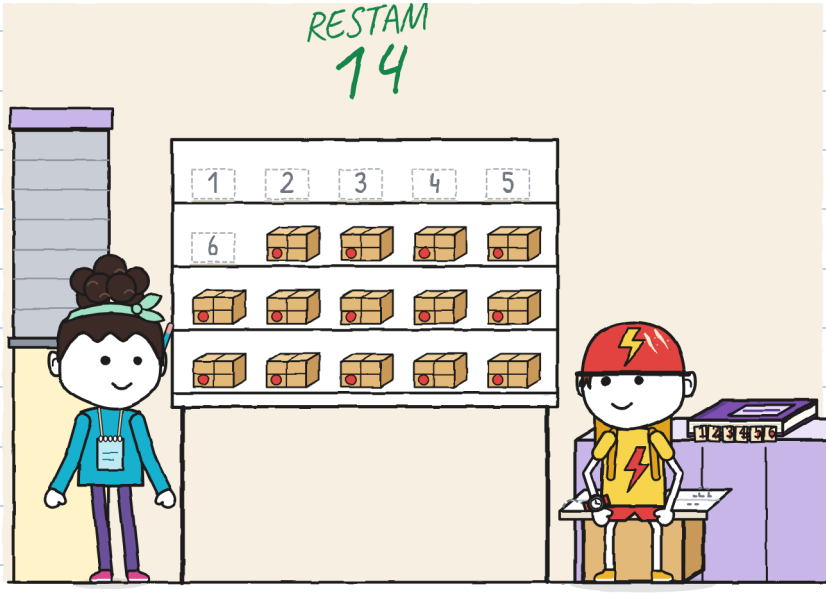


Vigia melhor do que eu, conta melhor do que eu e não faz pão. Dois de três. –J.

A Mara levantou um pouco a porta de enrolar para deixar a gente passar. Desenhei a estante: catorze pacotes e seis vazios. Não foi preciso mudar o cartaz.

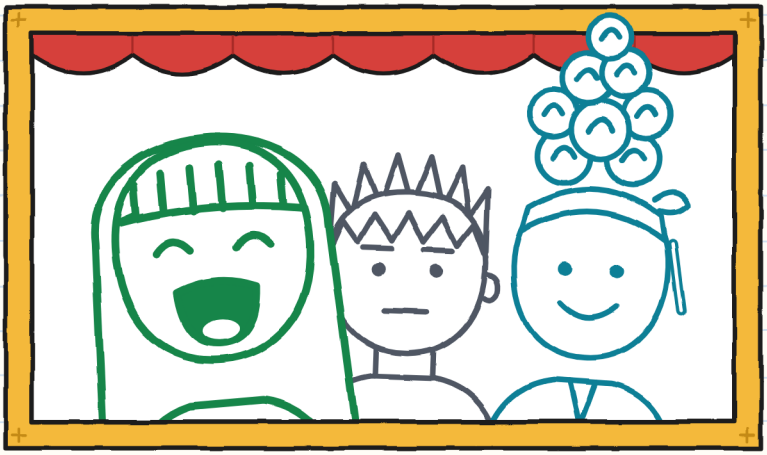
— Seis — disse a Mara. E fechou o livro dela.

O Toninho estava na caixa dele, com o capacete na cabeça, embora fosse domingo. A Noa ficou em pé, junto à porta. Ninguém disse "senta". Ninguém disse "vai embora". Veio porque quis. E na segunda tem ensaio.



Para terminar o caderno desenhei a janela do teatrinho, vazia.

Cada um se desenhou lá dentro. Eu, a lápis. A Júlia, de verde. A Noa, de turquesa. A Noa pediu licença para pintar no meu caderno. A Júlia, não.



cabemos

Compartilhado é compartilhado. Está escrito na primeira página. –J.

ENTREGA Nº 6. Trecho a trecho:

TRECHO		QUEM CARREGAVA	QUEM ORIENTAVA	O QUE PRECISOU REPETIR
	Loja → fonte do peixe manco	Guto e Noa	Júlia	a curva da fonte (três vezes)
	Fonte → esquina	Júlia e Noa	Guto	nada (mas devagar)
	Esquina → pátio	Guto e Júlia	Noa	a entrada: o mapa era velho
	Sábado	os três	os três, por turnos	a correia (na segunda, no terceiro furo)
	Antes de nós	Mara, sozinha	ninguém	nove viagens
	R.	?	?	não sabemos

	CARREGAR 	ORIENTAR 	ABRIR PASSAGEM 	AVISAR 
1	Guto e Noa	*Júlia*	*Júlia*	*Júlia*
2	Júlia e Noa	Guto	Guto	Guto
3	Guto e Júlia	*Noa*	*Noa*	*Noa*

Três casinhas. Bom, quatro. Três nomes. Nenhuma vazia. –J.

ENTREGAS IMPOSSÍVEIS · 7

(em breve)



Dessa vez a etiqueta dizia uma hora. Nessa hora eu já estou de pijama.

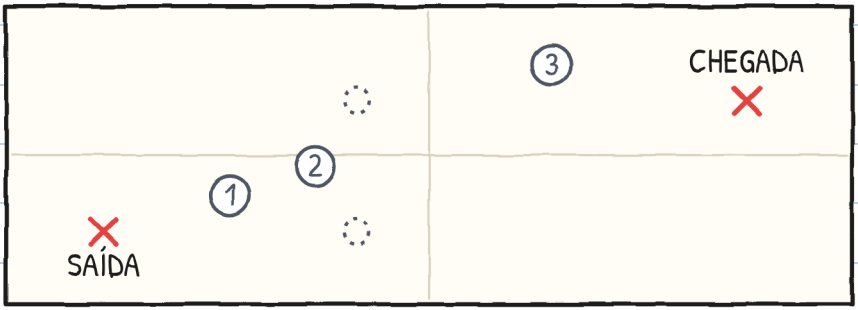
Quem está acordado quando os outros fecham?
Fora eu. —J.

O BAIRRO (versão 6)



SEU TRAJETO

Quem carrega? Quem orienta? Quem abre passagem? Quem avisa?



O MEDIDOR DE TRÊS

	CARREGAR	ORIENTAR	ABRIR PASSAGEM	AVISAR
trecho 1				
trecho 2				
trecho 3				

Se numa casinha sai sempre o mesmo nome, mude. –J.

UMA HISTÓRIA, SEIS TAMANHOS

São seis tamanhos, dos 3 aos 16 anos, e mais de 20 línguas. XXS, XS, S, M e L têm as mesmas páginas e os mesmos desenhos. O XL é um romance. Só muda o jeito de contar.

TAMANHO XXS · PRÉ-A1
O GUTO ESCREVEU UMA PALAVRA. ESTÁ VENDO "COMPARTILHADO"?

TAMANHO XS · A1
Escrevi uma única palavra. Deixei meia página livre. Não ficou livre nem um minuto.

TAMANHO S · A2
Na primeira página escrevi uma palavra. Deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não ficou livre nem um minuto.

TAMANHO M · B1
Na primeira página escrevi uma única palavra. Deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não ficou livre nem um minuto.

TAMANHO L · B2
Na primeira página escrevi uma única palavra e deixei meia página livre, por via das dúvidas. Não ficou livre nem um minuto.

TAMANHO XL · B2-C1
Romance ilustrado · 13+

Níveis do QECR indicativos, para quem aprende português.

Cada um no seu tamanho. O mesmo teatrinho. —J.

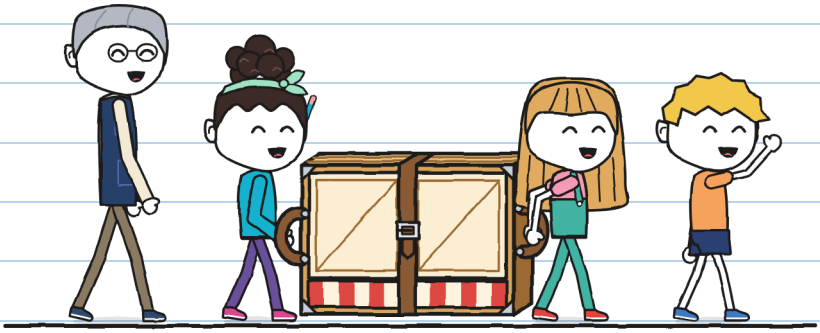
PARA FAMÍLIAS E PROFESSORES

Trabalhe cada capítulo em linguaula.com

TRANSPORTE DE VERDADE: O QUE FAZER

1. Antes de sair, olhe o trajeto inteiro.
2. Uma pessoa vai livre: abre passagem e avisa.
3. As mãos nas alças. Longe das dobradiças e dos fechos.
4. Com uma carga não se corre nem se compete.
5. Se alguém disser "pare", todos param.
6. Primeiro se deixa no chão; depois se discute.
7. O que é grande se abre e se dobra entre duas pessoas, com uma pessoa adulta.

O carimbo SÓ NA HISTÓRIA marca o que pode acontecer numa história, mas não num transporte de verdade.



E se você sabe algo do caminho, diga antes. –J.